

# Conclusão

*10cubes* e *3N3* são exemplos de como as estratégias de *visualização*, discutidas no Capítulo I.3, aliadas aos recursos apresentados em II.3, podem ser aplicadas na construção de diagramas das classes de signos de Peirce.

## Resultados relevantes para o campo do design

Tais estratégias não têm, evidentemente, qualquer pretensão de ser uma resposta definitiva em termos de metodologia de projeto para o campo do design associado à filosofia de Peirce. Contudo, ao aliar a semiótica peirceana à metodologia de projeto, tais estratégias tornam-se uma contribuição original para a investigação de abordagens eficientes para o desenvolvimento de produtos, especialmente na área do design da informação. Se, como afirma Sless (1997), a emergência do design da informação, a partir da década de 1960, caracteriza-se por uma transição do design de objetos para um design de relações, então (ver Capítulo I.2) a contribuição das estratégias de *visualização* para esta área parece promissora.

Seu status, como uma metodologia capaz de desenvolver recursos mais adequados ao ensino da semiótica de Peirce, também merece investigação sistemática. Embora o tópico tenha estado fora do escopo deste livro, os dois modelos propostos poderiam ser testados como ferramentas educacionais. Pode-se esperar que o *10cubes*, em especial, por ser um modelo de caráter mais analítico que experimental, seja ainda mais útil como ferramenta de ensino do que o *3N3*. Este último deve ser de particular interesse para especialistas e pesquisadores da semiótica peirceana.

## Resultados relevantes para a semiótica

Como indicamos ao final do Capítulo I.1, as dez classes de signos são abordadas de forma bastante convergente pelos especialistas. Há consenso sobre seus principais aspectos. O mesmo, contudo, não pode ser afirmado sobre as 28 e princi-

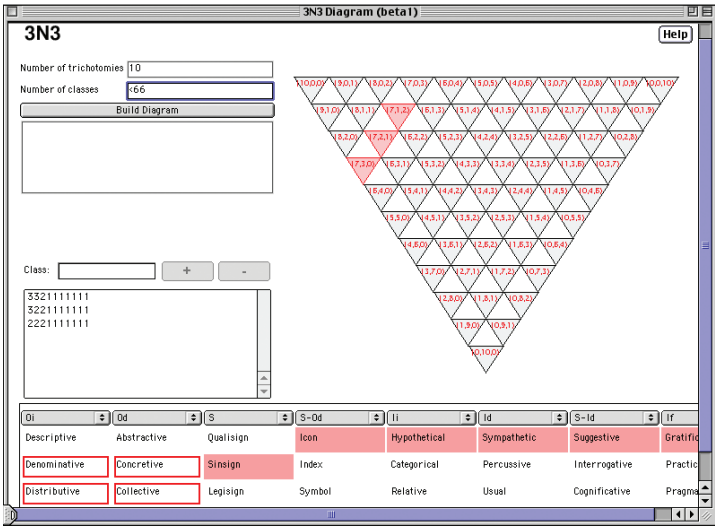
palmente sobre as 66 classes. Junte-se a isso a sugestão de que Peirce talvez tenha concebido outras divisões em dez classes, diferentes daquelas elaboradas no “Syllabus”, como vimos na Seção II.1.2. Há também dúvida sobre a natureza dos hipóícones como uma classificação independente, ou como uma ramificação das dez classes.

Quando Peirce mencionou 59.049 classes, ele estava considerando todas as combinações possíveis entre as três modalidades de suas dez tricotomias. Mas sabemos que, de acordo com as regras que regulam a construção das classes, as trinta modalidades combinadas devem gerar apenas 66 classes de signos, como vimos no Capítulo I.1. O problema é determinar quais são, exatamente, as 66 classes. Sabemos também que a ordem das tricotomias determina quais classes aparecem em uma classificação. Portanto, se estabelecemos a ordem correta das tricotomias, saberemos quais são as classes e vice-versa. Ainda que a solução deste problema não esteja entre os principais objetivos deste livro, o 3N3 provê um espaço de experimentação e especulação adequado a este tipo de abordagem. Como vimos no Capítulo I.1, segundo Sanders (1970), embora Peirce não tenha fornecido uma lista definitiva das dez tricotomias em sua ordem de determinação, é possível encontrar em sua obra algumas ordenações parciais. Se estiverem corretas, as ordens de determinação defendidas por Lieb (1977) e Müller (1994) são sérias candidatas, mas existem outras ordenações possíveis. Se discordarmos quanto às tricotomias envolvidas, existem outras. Cada ordem tem implicações sobre a possibilidade de certas classes de signos existirem, e todas elas podem ser testadas em 3N3 (ver, por exemplo, as comparações das ordens de Lieb e Müller no final do Capítulo II.2).

Especulações sobre a relação dos hipóícones com as classes de signos também podem ser observadas e visualmente testadas.<sup>60</sup> Como discutimos no Capítulo I.2, se os qualisignos são “ícones puros”, existe uma óbvia dificuldade para adequar os hipóícones à divisão em dez classes do “Syllabus”, pois há apenas duas classes icônicas (211 e 311). Mas se considerarmos outras classificações, onde a tricotomia *S-Od* (à qual pertence a modalidade dos ícones) aparece, teremos quantidades e tipos diferentes de sinsignos e legisignos icônicos, dependendo das tricotomias que precedem a tricotomia *S*. Embora a solução deste problema não esteja entre os objetivos centrais deste livro, pode-se adiantar que, respeitando as ordenações parciais indicadas por Sanders (1970, seção I.1.3, *Oi* e *Od* devem preceder *S*, que deve preceder *S-Od*), independentemente da

60 Alguns resultados destes testes são discutidos em Farias e Queiroz (2006, 2009).

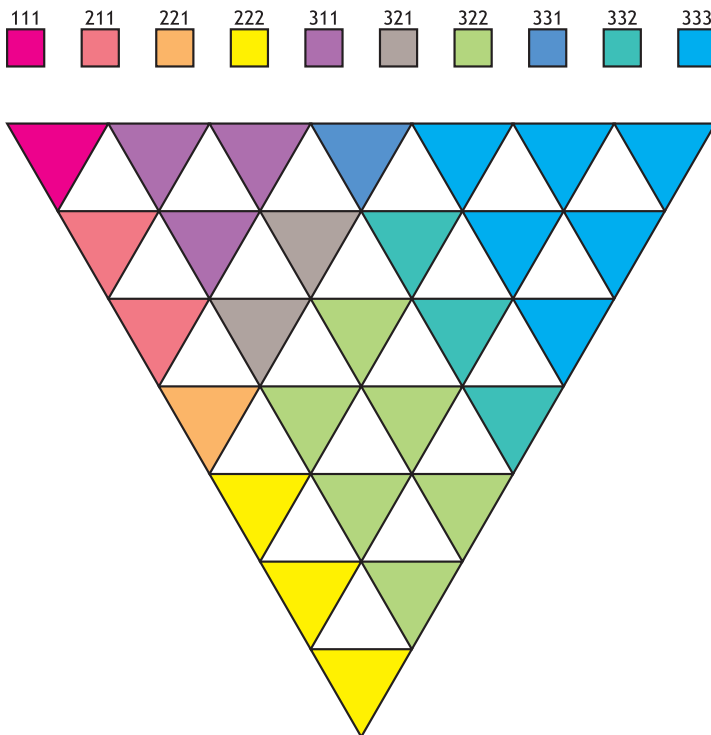
ordem das outras tricotomias (e mesmo da ordem de *Oi* e *Od*), existem três sinsignos icônicos e apenas um legisigno icônico entre as 66 classes (Figura 110). Isso sugere que os hipoícones, dentro das 66 classes, podem ser diferentes tipos de sinsignos icônicos, algo distinto das suposições dos diversos especialistas apresentadas na Seção I.2.2.



Uma terceira sugestão é a investigação da posição dos três tipos de inferência – abdução, indução e dedução – em relação às 66 classes. A posição da tricotomia *S-Od-If*, cujas modalidades estão relacionadas a estes tipos, é uma das poucas cuja posição não varia, permanecendo sempre em último lugar na ordem de determinação. Embora a quantidade de classes de signos abduativos, indutivos e dedutivos, neste caso, não varie, seria interessante estudar as implicações de mudanças na ordem das tricotomias para os tipos de signos que compõem cada classe.

Como vimos, todos os recursos previstos no projeto de 3N3 foram implementados. Isso não impediu, porém, que ainda outros recursos continuassem a ser sugeridos. Um recurso que deve ser implementado em uma nova versão de 3N3 é uma forma mais adequada de se representar mapeamentos entre diferentes classificações (por exemplo, entre as dez e as 66 classes, tal como aparece na Figura 102). A Figura 111 mostra como o formalismo de cores apresentado na Seção II.3.1 poderia ser empregado para implementar este tipo de mapeamento.

**Figura 111.** Mapeamento entre as dez e as 28 classes de signos, mostrando dez conjuntos de classes 6-tricotômicas que, segundo Marty (1990: 225-228), correspondem às dez classes 3-tricotômicas (comparar com a Figura 102).



A definição de uma metodologia para *sign design* deve incentivar o desenvolvimento de novos diagramas e modelos. Se *sign design* tem óbvio interesse para a área do design enquanto metodologia para formas visuais de investigação e como ferramenta capaz de auxiliar no ensino da semiótica, há uma questão em aberto: este conjunto de estratégias também poderia ser aplicado a outros ramos da semiótica? Supomos que sim. Outra questão está relacionada à aplicabilidade destas estratégias a outros aspectos da teoria peirceana, além da classificação de signos. Aplicações no campo da lógica, tais como a implementação de ambientes virtuais para a manipulação dos grafos existenciais, por exemplo, são fáceis de prever. Existem exemplos bem-sucedidos deste tipo de aplicação, que implementam outras notações, como o software *A&T*, de V. Sivasankaran e Doblin Group, que implementa diagramas de Venn e o *Tarski's World* e *Hyperproof* de J. Barwise e J. Etchemendy (BARWISE; ETCHEMENDY 1994).

O que apresentamos neste livro é o primeiro resultado de um programa de pesquisa mais amplo, de descoberta de novas estratégias de modelagem e de novas formas de visualização das classificações sgnicas de C.S.Peirce.